

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A Cinemateca com o Doclisboa: A Viagem Permanente – O Cinema Inquieto da

Geórgia | A Difícil Liberdade 3

24 de Outubro de 2020

## METEVZE DA GOGONA / 2018

“O Pescador e a Menina”

*um filme de Mamuka Tkechelachvili*

**Realização, Argumento, Direcção Artística e de Animação:** Mamuka Tkechelachvili / **Montagem:** Levan Kukhachvili / **Música:** Zviad Mguebrichvili / **Som:** Beso Katcharava.

**Produção:** 20 Steps / **Produtor:** Vladimer Katcharava / **Cópia:** em DCP (original em suporte Digital 2K, cor), sem diálogos / **Duração:** 15 minutos / **Título internacional:** Fisherman and the Girl / **Primeira apresentação pública:** Festival Internacional de Animação de Annecy, 11 de Junho de 2018 / **Primeira apresentação em Portugal:** Cinanima – Competição Internacional, Espinho, Novembro de 2018 / Primeira exibição na Cinemateca.

## SIMINDIS KUNDZULI / 2014

“A Ilha do Milho”

*um filme de Guiorgui Ovachvili*

**Realização:** Guiorgui Ovachvili / **Argumento:** Roelof Jan Minneboo, Guiorgui Ovachvili, Nugzar Chataidze / **Fotografia:** Elemér Ragályi / **Direcção Artística:** Agi Ariunsaichan Dawaachu / **Montagem:** Sun-min Kim / **Música:** Iosseb Bardanachvili / **Interpretação:** Ilyas Salman (o Avô), Mariam Buturichvili (a Neta), Irakli Samuchia (o Soldado), Tamer Levent (o oficial abecaze).

**Produção:** Guillaume de Seille, Nino Devdariani, Eike Goreczka, Guiorgui Ovachvili, Karla Stojáková / Alamdary Films / Kino Company / FocusFox Studio (Geórgia, Alemanha, França, República Checa, Cazaquistão, Hungria) / **Cópia:** em DCP (original em 35 mm), cor, legendada em inglês e electronicamente em português / **Título internacional:** Corn Island / **Duração:** 100 minutos / **Primeira apresentação pública:** Festival Internacional de Karlovy Vary, 9 de Julho de 2014 (Grande Prémio) / Primeira exibição na Cinemateca.

*Duração total da projecção: 115 minutos.*

---

**Metevze da Gogona** / “O Pescador e a Menina” é um belíssimo filme de animação em que Mamuka Tkechelachvili conjuga de modo talentoso um trabalho sobre os medos próprios da infância e a imaginação. Um pescador deixa a sua pequena filha em casa sozinha quando parte para a faina no mar, e esta, entre brincadeiras solitárias e as tarefas domésticas, dá asas ao sonho e à imaginação. Recorrendo a marionetas, à animação de volumes e à pintura, o filme impressiona pela sua componente poética e pelo modo como, numa dimensão metadiscursiva, Mamuka Tkechelachvili convoca o próprio desenho e a animação de recortes para nos transportar para uma outra dimensão.

Desenhos a carvão “realizados” pela figura do pescador estimulam a imaginação de sua filha: um barco, um homem, uma estrela do mar e um peixe gigante (ou uma baleia, numa óbvia evocação de Moby Dick) animarão a tempestuosa noite da menina que

parte desses recortes animados para um enorme pesadelo em o pai, almejando uma estrela, é ameaçado por uma tenebrosa criatura em pleno mar. Apostando na ténue linha entre realidade e sonho, o protagonismo que tem aqui uma estrela do mar, criatura mágica tão apreciada pelos surrealistas (Man Ray filmou-as em 1928 em *L'étoile de mer*), é um dos catalizadores da forte dimensão poética de um filme inteiramente sem diálogos, assente sobretudo na relação da força dos sons e das suas imagens.

**Simindis Kundzuli/“A Ilha do Milho”** anuncia-nos ao que vem. Como adverte o seu cartão inicial, o rio Inguri, nas torrentes primaveris, transporta terras do Cáucaso para o Mar Negro, formando-se pequenas ilhas temporárias no seu leito. Terra extremamente fértil ocupada por camponeses que durante escassos meses cultivam milho para as suas famílias, “se a natureza o deixar”. Um cartão cujo texto se regista na nossa memória, tanto mais que “**A Ilha do Milho**” é um filme que prima pela quase ausência de palavras, sendo sublime do ponto de vista visual. Nesse sentido, se olharmos para os dois títulos deste programa na sua relação, poderemos dizer que estamos perante dois filmes praticamente mudos em que o elemento aquático desempenha um papel essencial enquanto metáfora da “difícil liberdade” georgiana evocada nesta sessão. E as rimas sucedem-se pois “**A Ilha do Milho**”, segunda longa-metragem de George Ovashvili, realizador nascido em 1963 e que com ela conquista o grande prémio do Festival Internacional de Karlovy Vary, inicia-se com a imagem de um homem que rema, e que remarará não apenas contra a força das águas, como contra a instabilidade política e militar.

Em “**A Ilha do Milho**”, avô e neta, dois abecazes, cultivam uma dessas ilhas fluviais sob o olhar atento de forças militares da Abecázia, da Rússia e da Geórgia, que patrulham essa região cuja instabilidade se mantém há muito devido a disputas pelo território. Num filme extremamente contemplativo assistimos à progressiva ocupação desta precária “terra de ninguém”, como percebemos pelas raras palavras trocadas entre avô e neta: a simbólica colocação da “bandeira”, a evolução da construção de uma casa e todo o lento processo de plantação. O inescapável ciclo da vida revela-se em todos os aspectos do filme, do gradual crescimento do milho, ao crescimento da própria rapariga, que de menina (a boneca, que atravessa o filme) passará a adolescente mulher. É fascinante o modo como o filme oscila entre longos planos gerais próximos dos protagonistas e impressionantes planos aéreos que nos revelam a “ilha” na sua pequena extensão, como é fascinante como se capta o mutismo dos dois protagonistas que, no seu pesado silêncio, se conseguem entender. E se o acolhimento de um soldado ferido abalará a sua relação e deslocará o par de protagonistas para o centro do conflito, é a força do rio que os atraiçoa com uma torrente que não os deixará colher o que com tanto amor estiveram meses a semear.

A rigorosa câmara de George Ovashvili regista um modo de vida arcaico que nos faz recuar muitos anos no tempo, para um tempo em que o lume se fazia em fogueiras onde se grelhava o peixe acabado de pescar. Mas Ovashvili retrata um modo de vida dos dias de hoje e uma “ilha” perdida no tempo, em contraste absoluto com as rotinas e os instrumentos da vida urbana sua contemporânea. “**A Ilha do Milho**” retrata assim e preserva uma tradição em extinção, documentando um ciclo a que os homens não podem escapar, como perceberemos pelo último plano de um filme circular de uma beleza inescapável.

Joana Ascensão